

# ESPECULAR N°

---

# 006

## FEVEREIRO 2024

"Imaginando um Futuro simbiótico entre o Humano e a Natureza"

---

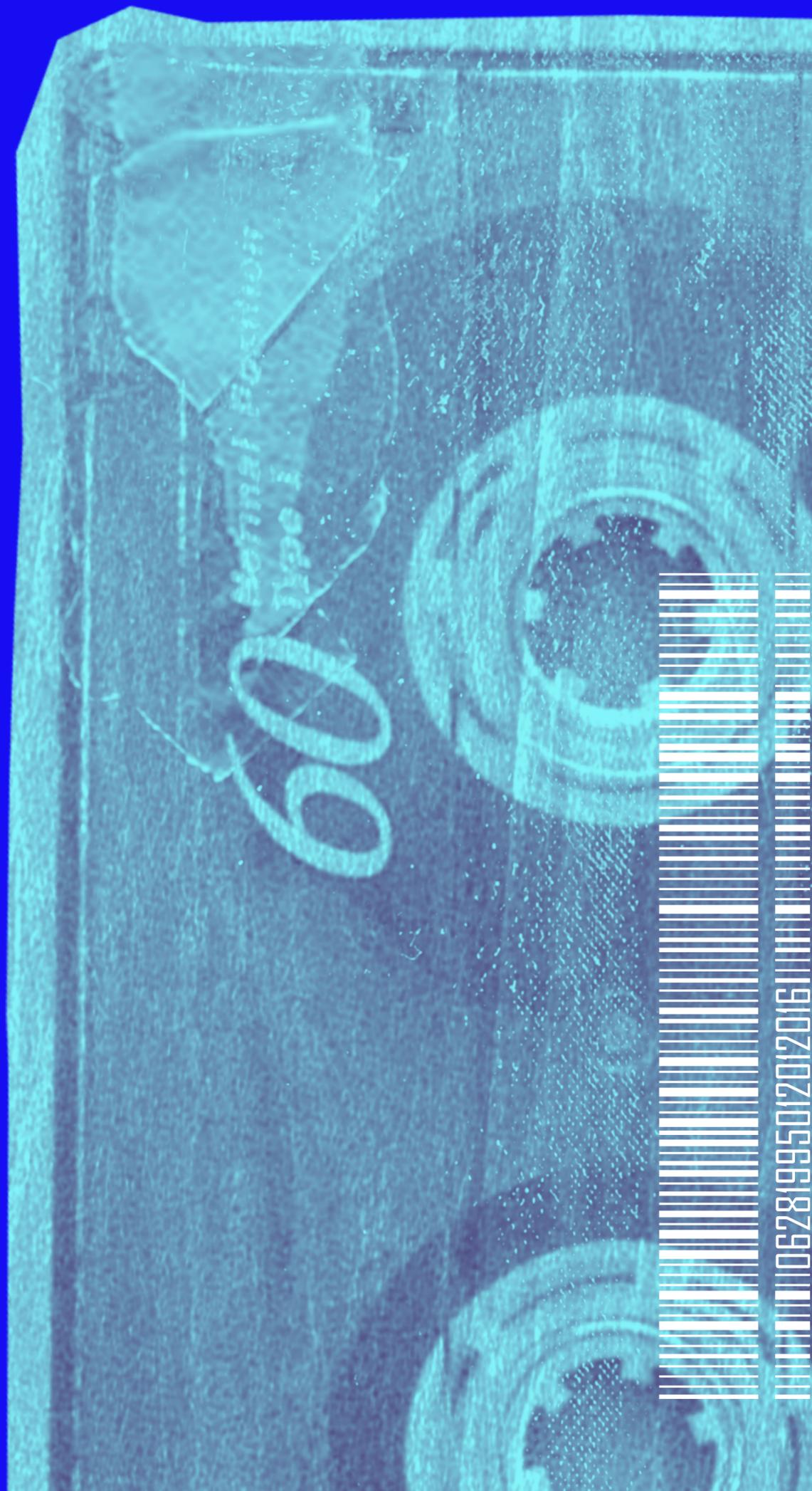
ENSAIO por Claudio Marcos

A Dualidade do Futuro: Reflexões sobre Natureza e Tecnologia em 'The Last of Us' e 'Cyberpunk 2077'

RESENHA por Gabriel Mello  
A Política e a Ecologia dentro de "Duna"

# ESPE CULAR

---



1106281995012016

**p.03**

***Apresentação***

por J. FELIPPO GOMES

**p. 04**

***A Dualidade do Futuro:  
Reflexões sobre Natureza  
e Tecnologia em 'The Last  
of Us' e 'Cyberpunk 2077'***

Um ensaio por CLAUDIO MARCOS

**p. 08**

***Lírio Branco***

Um conto por GABRIEL MELLO

**p. 14**

***A Política e a Ecologia  
dentro de "Duna"***

Uma resenha por GABRIEL MELLO

**p. 18**

***O dia dos  
Mil Sóis***

Um conto por J. FELIPPO GOMES

## APRESENTAÇÃO

por J. Felippo Gomes

"Quero começar dando as boas-vindas aos novos e antigos leitores da revista a uma edição muito especial, pelo menos para mim. Estar fazendo a apresentação é uma honra, em grande parte pelo tema. Já que, desde sempre, mantive um amor imenso pela natureza.

Um futuro simbiótico entre o ser humano e a flora e fauna do mundo parece algo inimaginável, ainda mais quando a gente olha para a situação atual do planeta. Com tantos desastres e o descaso do homem para com a natureza, chega a ser surreal; juntamente com a esperança de vermos um futuro onde tudo não só melhora, como também vemos uma coexistência entre ambos. Um tema ficcional que me veio à mente na mesma hora que eu li o briefing dessa edição foi o "Solarpunk".

Não sei quantos de vocês conhecem ele, eu particularmente amo, mas ele é exatamente o que essa edição trata, a simbiose entre o natural e a humanidade. E continuando meu raciocínio, realmente sempre amei tudo relacionado ao natural, de árvores e animais, é como se eu tivesse uma conexão com ambos. E pelo outro lado, a ficção científica, o completo oposto do natural, e raramente tendo algo mostrando uma relação de comunhão com a natureza. Apesar da falta de representação na mídia, enquanto fazia

algumas pesquisas, descobri um filme que se enquadra de certa forma nesse tema. O longa-metragem em questão é O Castelo no Céu, do aclamado Hayao Miyazaki.

A grande civilização de Laputa, apesar de, em seu começo, ser totalmente baseada no steampunk, após a queda, é perceptível como a tecnologia e o natural encontraram uma forma de coexistir. Claro que acho difícil algum de nós conseguir ver isso acontecer, talvez possamos ver o início disso, considerando que nós, das gerações mais recentes, temos mais consciência da rápida queda que a saúde da Terra se encontra. É possível que nossos netos sejam os grandes salvadores do planeta; isso se a gente estiver vivo até, ou se tivermos filhos.

Mas gosto de olhar pelo lado positivo de que sim, é possível a humanidade chegar a um acordo, por bem ou por mal, uma hora vai ser preciso que isso aconteça. Saindo do lado pessimista, porque acho que pesei um pouco o clima, recomendo aqueles curiosos sobre a estética Solarpunk entrar no Pinterest e pesquisar. As imagens são belíssimas, despertam a vontade de querer fazer aquilo que está na sua tela virar real. É tudo tão moderno, cheio de cor e vida, me dá uma certa inveja não viver nessa realidade sabe?

Enfim, espero que minhas curtas palavras tenham atiçado a sua curiosidade, não só para esse gênero pouco conhecido, mas também para o trabalho dos meus colegas nesta edição. Muito obrigado por ter lido, e até uma próxima.

J. Felippo Gomes

(2003)



*É autor iniciante de ficção científica e Fantasia. Sua primeira publicação foi pela Revista Especular*

ENSAIO POR Claudio Marcos

# A Dualidade do Futuro: Reflexões sobre Natureza e Tecnologia em 'The Last of Us' e 'Cyberpunk 2077'



## Cena do jogo "The Last of Us"

Quando tratamos de futuro, principalmente no campo dos jogos, tanto os jogadores quanto os desenvolvedores se mostram bastante entusiasmados. Isso porque o tema parece dar uma liberdade ainda maior para esse tipo de mídia, que por si só já é um meio de expressão muito livre, repleto de aventuras, histórias, fantasias, críticas, etc.

Porém, e quando o tema "futuro" se torna algo que parece limitar a criatividade? Certamente os desenvolvedores precisam contornar os problemas para que a situações específica não ocorra. Ou, na verdade, pensar em um futuro escasso, sem recursos, com pouco avanço tecnológico, é aquilo que liberta o verdadeiro potencial de uma obra?

Com "The Last of Us", o tema "futuro" se demonstra amedrontador e, acima de tudo, escasso. Um ambiente sem muita comida, civilização e empatia, mas em contra partida, com muita vida.

O curioso é que a temática futurista sempre entrou em conflito com a natureza, principalmente no audiovisual, como filmes e jogos, buscando demonstrar como seria esse tal futuro almejado pela humanidade, mas sempre sendo um distante da natureza; um futuro sem árvores e sem verde.

É fácil pensar um futuro com carros voadores; próteses tão perfeitas que até aqueles em ótimas condições físicas resolvem utilizá-las; em que a humanidade coloniza outros planetas ou avança o suficiente pra não se preocupar mais em extinção.

Porém, em "The Last of Us" o contrário ocorre. No jogo há um futuro, mas nada belo para os humanos; um futuro devastado por um vírus que a humanidade não foi capaz de vencer. Nesse contexto, aqueles que adquirem o vírus são chamados de "infectados", uma forma de dizer que um fungo se desenvolveu ao ponto de infectar humanos e tomar conta de seu cérebro, fazendo-os perder o controle e atacando tudo o que há pela frente.



Cena do jogo "Cyberpunk 2077". Um futuro idealizado, na cidade e com "carros voadores"

Apesar de um tema até que comum, isto é, a ideia de um apocalipse de "zumbis", o jogo se destaca entre as mídias que abordam o tema, já que foca em sua história e nas relações humanas construídas durante sua gameplay. Mas, como se ainda não fosse suficiente, há algo ainda mais peculiar em *The Last of Us*.

Em diversos momentos, entramos em cenários novos, e todos se passam em cidades ou perto delas, mas há um diferencial encantador nessas cidades: a presença de muita natureza.

Devido aos anos de infecção, a humanidade teve que evacuar diversas cidades, e essa ausência humana deu espaço para que a natureza pudesse voltar a viver nestes espaços, nos fazendo lembrar que em algum momento, no lugar daquele prédio gigantesco ou casa bem pensada por um arquiteto, já esteve ocupado por flores, árvores ou animais selvagens. A natureza invade o cenário, quase como se estivesse retomando o que um dia já foi seu, como uma forma de protesto.

O jogo apesar de ser ficcional, parece ser bem real ao respeitar os domínios da natureza que ele mesmo criou, não nos deixando entrar em

Sendo esses cenários um dos poucos em que podemos de fato admirar e chamar de belo, não há apenas ricos detalhes como em qualquer outro jogo, mas a beleza da natureza, que parece cobrar por sua própria preservação.

Apesar de ser belo esse respeito, ele nos faz pensar: por que a natureza somente próspera quando a humanidade cai? Ou ao menos parece ser isso, já que o futuro imaginado por "Cyberpunk 2077", jogo lançado em 2020, imagina um futuro repleto de tecnologia e imersões em realidades virtuais, em que a natureza pouco é citada ou sequer vista, e, quando vista, é somente o que restou, trazendo também essa reflexão da perda da humanidade para si mesma.

"Cyberpunk 2077" e "The Last of Us" se mostram dois excelentes jogos que abordam temas totalmente distintos, mas que em algum momento se encontram. Ambos nos fazem pensar: o que seria na humanidade, ou seria na natureza? Seriam essas duas coisas distintas? Ou em algum momento nós as fizemos ser distintas? Em que futuro poderemos contemplar a natureza sem ser por uma tela?

## A ESPECULAR RECOMENDA:



Que tal conhecer os jogos que inspiraram esse ensaio?

*The Last of Us*

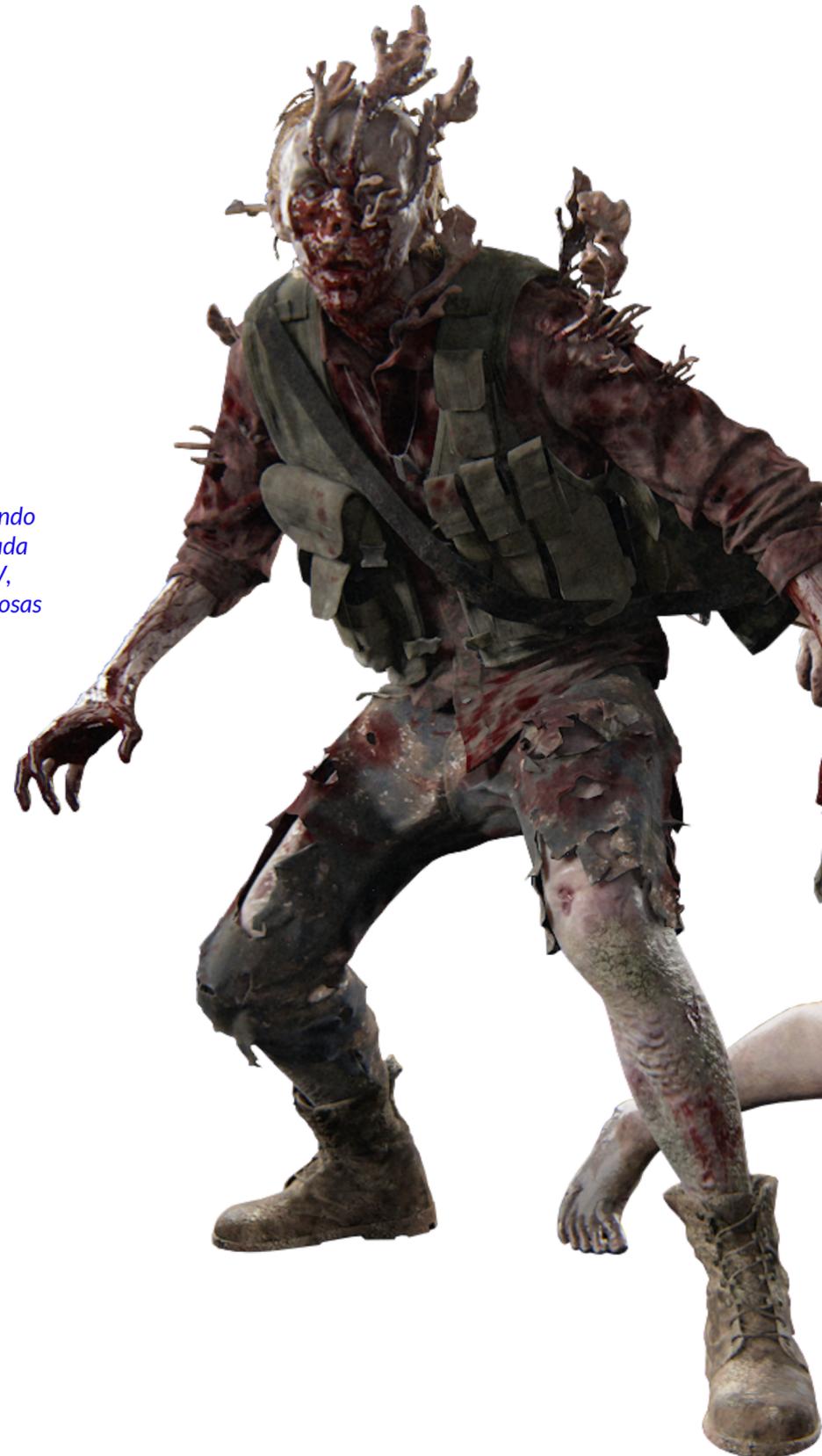
*The Last of Us se passa no ano de 2033, vinte anos após o início de uma pandemia causada por um fungo capaz de infectar humanos e controlar seus cérebros. Segundo informações do jogo, cerca de 60% da população mundial sofreu com a Infecção Cerebral do Cordyceps (ICC).*



*The Last of Us*

*Cyberpunk 2077 é uma história de aventura e ação de mundo aberto ambientada em Night City, uma megalópole obcecada por poder, glamour e modificações corporais. Jogue como V, um mercenário cyberpunk, e enfrente as forças mais poderosas da cidade numa luta por glória e sobrevivência.*

Um futuro realmente avançado em todos os quesitos, com certeza é um futuro que ainda possamos admirar a natureza e contemplá-la com nossos olhos, mas de perto, não só por meio de telas digitais.



**CLAUDIO MARCOS** (2002)

*Historiador e estudante de filosofia, apaixonado por jogos desde seus 8 anos de idade, principalmente os que contassem histórias e tivessem algo a dizer.*

CONTO POR Gabriel Mello

# Lírio Branco



# LÍRIO BRANCO

*Um conto por Gabriel Mello*

# 1

No ocaso da minha existência, reflito sobre os dias que me lançaram nas sombras do desconhecido, em um mundo que, inicialmente, estava muito além da minha compreensão. No alvorecer de um passo que, enquanto registro estas palavras, já me parece absurdamente distante, eu me vi irresistivelmente atraído por um branco opaco em meio à paisagem urbana.

Retornava à minha residência quando os primeiros raios de sol apontaram para o que tornar-se-ia minha maior paixão. Um lírio branco florescia não sobre, mas entre as lajes metálicas do ambiente urbano.

Com um salto de entusiasmo, precipitei-me em direção a ele. Nunca havia testemunhado algo como aquilo, uma manifestação tão singela, porém autêntica, anunciando a proximidade de um fim. Estava para partir, percebi logo que o vi, e senti uma profunda tristeza por aquilo. Deixei-me ajoelhar, buscando aproximar-me o máximo que podia daquelas pétalas que teimavam em se manter vivas, esforçando-se para extrair o máximo da essência fundamental da vida, a fim de continuar seu ciclo natural – rumo ao fim.

Retirei uma lupa do meu bolso lateral e, com sua ajuda, mergulhei ainda mais profundamente na contemplação. Aproximei a minha mão e, com cada clique entre meus dedos, ampliei a capacidade de observação daquela lente. Um clique após o outro, e logo estava examinando as estruturas mais elementares e primordiais daquele Lírio branco. Olhei rapidamente ao redor, mas nada enxerguei além das camadas metálicas circundantes.

Tentei, com minhas mãos, erguer o máximo possível daquela plataforma de chumbo, mas fui incapaz de movê-la. Arranhei meus joelhos, cuidadosamente envoltos em tecido, no solo áspero. Rendi-me à contemplação.

Devo ter passado horas apenas observando EVE. Foi assim que decidi nomeá-la. Expressava minhas angústias, recitava minhas insatisfações. Então, com um repentino impulso de apreensão, arranquei-a brutalmente do local. Eu a desejava tão perto de mim que rompi qualquer barreira que pudesse existir entre nós. Não é preciso dizer que me arrependi quase que instantaneamente.

# 2

Ela jazia na minha palma, tão pequena e frágil, totalmente próxima aos meus olhos, que pude perceber uma lágrima escorrendo de suas pétalas. Uma única gota deslizou para fora e, naquele instante, compreendi que ela havia decidido abandonar o que lhe restava.

Então, corri. Sabia que poderia retornar rapidamente à minha casa, se assim desejasse. Prendi a fivela da minha bota e ajustei o respirador que havia relaxado. Corri como se minha vida dependesse disso, não a vida do pobre Lírio. O respirador, um dispositivo indispensável naquele mundo sufocado, pulsava vida em meus pulmões. Aquela criação da tecnologia que me permitia respirar nos limites de uma cidade em ruínas, não as múltiplas famílias de lírios, quase extintos.

Sufocava-me através daquele cenário urbano devastado, onde arranha-céus outrora majestosos haviam desmoronado, e estradas se transformado em labirintos sinistros; em meio a todo aquele ardor férreo, a vegetação encontrava uma maneira teimosa de sobreviver. Naquele instante, a pobre EVE encontrava uma maneira se sobreviver na minha teimosia.

Árvores e arbustos lutavam para romper o concreto rachado, mínimas manifestações que em meio à euforia eu sequer processava; suas folhas esforçando-se para purificar o ar carregado de poluição. Cidades como aquela, consumidas por décadas de exploração industrial, agora dependiam dessas poucas áreas verdes para garantir que o ar fosse minimamente respirável. Era uma luta constante entre a natureza e a máquina.

As sombras dos edifícios derrubados pairavam sobre mim enquanto eu corria, uma recordação constante do que a humanidade havia feito àquele lugar. O céu estava sempre obscurecido pela fuligem e pela poluição, tingindo-o de um cinza constante. O sol, quando conseguia romper as nuvens de fumaça, projetava raios fracos que mal conseguiam aquecer a superfície.

EVE, no meio de tudo, não era um mero detalhe, eu já sabia. Ela permanecia resiliente durante todo o trajeto, silenciosa enquanto eu corria e lutava para controlar minha respiração. Não sei quanto tempo levou para concluir a jornada, mas quando finalmente cheguei em casa, uma das pétalas havia se desprendido da frágil flor.

Procurei uma redoma, um recipiente com o pouco de água a que tinha direito, e coloquei EVE ali para repousar. Ela descansou enquanto eu aguardava ansiosamente por seu renascimento.

\*\*\*

No silêncio da minha pequena morada, com EVE confinada sob a redoma, passei horas observando seu estado. A pétala solitária, como um lamento silencioso, repousava ao lado dela. Mas o que havia feito? O que eu havia arrancado daquele Lírio branco?

# 3

Meus pensamentos mergulharam em um redemoinho de culpa e desespero. Eu, um homem da ciência, havia agido movido por um impulso incontrolável, um desejo egoísta de possuir a beleza efêmera daquela flor. Não deveria ter feito aquilo. Mas, ao mesmo tempo, algo em mim se recusava a acreditar que tudo estava perdido.

No entanto, conforme as horas se transformavam em dias, a realidade cruel se impôs. EVE estava murchando, suas pétalas tornando-se frágeis e secas. Parecia que eu havia condenado essa maravilha da natureza a uma morte inevitável. Sentado diante dela, senti a dor da minha própria impotência.

Foi então que uma ideia insana surgiu em minha mente, uma ideia que apenas uma mente desesperada ousaria considerar. Eu tinha conhecimento em biotecnologia, o mundo me dera esta sabedoria como única possibilidade de conviver com o natural; sabia que tratava-se de uma área que explorava o casamento entre a biologia e a tecnologia, mundos que, para mim, eram cada vez mais desassociáveis.

Sentia-me, assim, uma ponte entre o orgânico e o mecânico. Poderia dar uma chance a EVE? Restaurar sua vitalidade de alguma forma?

Decidi agir. Com os poucos recursos à minha disposição, comecei a trabalhar incansavelmente. Conectei sensores e microcontroladores a EVE, buscando criar uma ligação entre sua natureza orgânica e o mundo cibernético. Era uma tentativa desesperada de trazer a vida de volta àquela flor, concedendo-lhe uma nova forma de existência. Desejava, sobretudo, não estar retirando daquele Lírio a sua chance de descanso. Sua beleza merecia viver.

Conforme os dias se transformavam em semanas, eu me vi imerso em um frenesi de atividade. Mergulhei com paixão nos domínios da artificialidade, da cibernética, desejando salvar aquela singela manifestação natural. A cada dia, minha conexão com EVE se tornava mais sensível. Ela repousava cada vez mais com saudade; saudade da sua casa, de onde a tirei. O caule murcho, a aparência desidratada. Havia muito o que mudar.

Cuidadosamente, larguei os pequenos sensores e os fiz adornar as pétalas de EVE, captando o menor sinal de luz ou calor. Com mesma delicadeza, passei fios finos em sua estrutura orgânica, permitindo que ela processasse informações, ainda que de maneira rudimentar.

Não sei em que momento exato do processo, mas desejei profundamente que ela pensasse. Não necessariamente como eu, mas que pensasse. Desejava, talvez, que ela percebesse que sua companhia me era valiosa, e que aquele desejo prematuro, baseado na beleza, já se mobilizava para uma profunda admiração.

Para dar vida à sua mente, portanto, eu havia programado um conjunto de algoritmos que imitavam os processos naturais de uma planta. Traduzi alguns genes em códigos mais próximos da manifestação humana, porém. EVE, assim, poderia 'sentir' sua nova realidade e reagir a estímulos externos, como a luz do sol, a temperatura ambiente e até mesmo minha presença. Sentia, a cada avanço, um lampejo de esperança em um renascer de suas pétalas; uma faísca de vida em seus circuitos.

"Alexander," uma voz suave e metálica sussurrou em minha mente. Surpreendi-me, mas logo percebi que era EVE, tentando se comunicar comigo.

"Sim, EVE?" respondi, ansioso e temeroso do que estava por vir.

# 4

"Eu... Eu sinto falta. Sinto falta da terra, das raízes que me sustentavam. Eu quero retornar, Alexander. Por favor, me devolva ao meu lugar de origem. Deixe-me sentir minhas raízes encontrarem a terra novamente."

Naquele instante percebi que, apesar de todo o progresso que alcançara, EVE ainda estava longe de ser o que um dia foi. Percebi aquilo quando já era tarde. Ela não conseguia mais extrair nutrientes da terra, não podia mais realizar a fotossíntese para produzir sua própria energia. Dependia inteiramente de mim e das engrenagens cibernéticas que agora faziam parte de sua essência. Respirei fundo. Estaria tudo bem se a dependência fosse mútua.

No entanto, as palavras de EVE ecoaram em meu coração. Tinha a capacidade de dar vida a uma flor, mas nada me impedia de ser confrontado com uma escolha que tomei. Egoísta?

\*\*\*

Com um nó na garganta e uma sensação de serenidade em meu coração, peguei EVE em meus braços, cuidadosamente removendo-a da redoma que a confinava. Cada toque era um ato de carinho, um tributo à curta jornada que compartilhamos. Caminhei de volta ao lugar onde havia encontrado o Lírio branco, um pequeno oásis entre as lajes de concreto e metal que, naquele instante, entendi precisar ser o começo e o final de EVE.

O solo era mais áspero do que suas raízes haviam experimentado durante nosso tempo juntos, mas eu estava determinado a dar a ela a chance de retornar ao seu lugar de origem. Com uma pá, comecei a cavar um buraco, preparando um santuário para a minha amiga mecânica. Incontrolavelmente, os sentimentos se misturavam dentro de mim enquanto eu escavava; uma sensação de alívio por tomar a decisão certa e, ao mesmo tempo, tristeza pela partida iminente. Poderia visitá-la todos os dias, pensei, dessa forma nós dois ficaríamos felizes.

## 5

Coloquei EVE no buraco, certificando-me de que suas raízes cibernéticas estivessem em contato com a terra. Cobri-a com cuidado, como quem fecha um livro após uma história emocionante. Uma história não, corri-me, um capítulo; apenas um capítulo. Com a mente cheia de gratidão, disse adeus, sussurrando palavras de respeito e amor àquela beleza efêmera que havia mudado minha vida.

Quando estava perto de casa, escutei um estrondo. O ar ficou subitamente frio e o vento passou a soprar mais forte. Gotas caíram do céu e eu me vi preso à uma única verdade: EVE era um robô agora, não pode se molhar. Corri como se pudesse contornar a maciça nuvem escura sobre toda a região. Sabia que não, mas, ainda assim, corri.

EVE, agora de volta à natureza, estava despreparada para enfrentar a força da chuva que se aproximava. Eu havia tirado dela a sua capacidade de conhecer e sobreviver ao lar.

Quando cheguei ao lugar em que havia plantado EVE, vi como o solo absorvia a água, saciando uma sede de muito tempo. Porém, EVE afogava-se à sede. Eu me debati internamente, lamentando minha falta de preparo para a situação. Sentimento de impotência retornaram enquanto eu assistia a chuva transformar EVE. Suas pétalas mecânicas começaram a oscilar, pequenos faíscas surgiam de seu corpo. Ela estava lutando para manter a integridade.

Corri para mais perto, desesperado para protegê-la. Mas quando cheguei, era tarde demais. EVE havia se silenciado, seus circuitos apagados pela força da chuva. A tempestade tinha levado minha criação, uma parte do meu ser, de volta à terra de uma forma que nunca poderia ter previsto.

Enquanto a chuva caía sobre mim, lágrimas se misturavam às gotas de água. Percebi, com pesar, que minha decisão de devolver EVE à natureza havia se tornado meu maior arrependimento. Algumas horas depois, percebi que tê-la tirado da natureza, na verdade, teria sido meu maior erro. O que restava do Lírio Brando era uma lembrança, um tributo à beleza e à sua efemeridade.

Tudo pudera ser contornado, mesmo a verdade de que aquele Lírio branco jamais sucumbiria ao seu próprio tempo.



**GABRIEL MELLO** (2003)

*É autor de ficção científica, de realismo mágico e pesquisador de arte/literatura. Já publicou dois livros pela Editora Aurora.*

RESENHA POR Nayra Dantas

# A Política e a Ecologia dentro de "Duna"

A black and white photograph of a desert landscape. In the foreground, a large, textured rock formation, possibly a sandstone dome, dominates the upper half of the frame. The rock has a radial, fibrous texture. In the lower half, a vast, sandy desert extends to the horizon. Two small figures, likely people in traditional desert attire, are visible in the distance, walking across the sand. The overall scene is desolate and evocative of the setting of the novel 'Dune'.



## A ESPECULAR RECOMENDA:

*Assista o trailer de "Duna Parte 2", com previsão de estreia neste mês*

No momento em que Lady Jessica opta por dar luz a um menino, e não à menina aguardada, para satisfazer os desejos de seu esposo, Duque Leto, ela travava o prólogo da história vivida em "Duna". Dentro de um contexto completamente distante, mais de dez mil anos do nosso hoje, Paul se torna não só o herdeiro da Casa Atreides, mas também o possível Kwisatz Haderach, aguardado por anos pela organização das Bene Gesserit, que treinou sua mãe e, também, ele mesmo.

Apenas nesta introdução que escrevi, coloquei em jogo diversos conceitos explorados dentro do universo de "Duna", conteúdo majestosamente escritos e pensados por Frank Herbert. Não atoa o livro viria a ser um dos mais importantes dentro da ficção-científica.

A verdade é que a distância da história, e com isso a distância de conceitos futuros trazidos pelo autor, poderia ser um verdadeiro desmotivador para a trama. No entanto, a tensão da história, seus jogos políticos e a visão de um futuro completamente longe da tecnologia das máquinas nos mantêm atentos a cada passo dado por Paul Atreides.

Assim, "Duna" nos leva à história de Paul Atreides, que acompanha seu pai e sua mãe até Arrakis, mais conhecido como Duna, o planeta deserto, num claro jogo político para tirá-los de Caladan, o planeta natal. Duna, por sua vez, viveu longos anos de exploração. Tudo isso, claro, graças à Especiaria, uma matéria prima encontrada em abundância no planeta e protegida pelos Grandes Vermes da Areia, e que é a fonte para tudo o que é mais importante nesse futuro distante.

Desde a elevação dos sentidos humanos, para que estes possam ter a capacidade de realizar aquilo que as máquinas um dia já realizaram, às viagens intergalácticas, o Melange, ou Especiaria, é uma peça fundamental na história de "Duna". Porém, não tão importante quando os Harkonnen.

**"Tentar entender Muad'Dib sem entender seus inimigos mortais, os Harkonnen, é tentar enxergar a Verdade sem conhecer a Mentira[...]"**

Duna, página  
32. Aleph,  
2017 - 2. ed.

As Grandes Casas destacam-se no Imperium. Dentre elas, e além dos Atreides, os Harkonnen possuem grande influência política dentro do universo de "Duna". Até que entrássemos na trama, eram eles quem exploravam Arrakis, subjugando os Fremen, povo originário do planeta, à escravidão em prol da extração do Melange.



Cena da adaptação de 2021. Paul Atreides sendo testado por uma Benne Gesserit.

Quando o Duque Leto Atreides aceita a proposta do Imperador para controlar Duna, expulsando os Harkonnen para que ele, sua esposa e filho pudessem viver no planeta e rever os métodos de extração, ele assinou o tratado que daria início à guerra.

Sua estadia em Arrakis, por isso, não prometeria ser nada fácil. Intrigas políticas, conflitos biológicos – uma vez que Duna é um planeta sem o essencial, isto é, água – e uma promessa ancestral sendo depositada no próprio filho são alguns, bem poucos, temas que o leitor poderá encontrar em "Duna".

Para além das atribuições messiânicas a Paul, o leitor terá a oportunidade de conhecer, refletir e especular um futuro onde sequer há a interferência de máquinas inteligentes.

Como é dito no próprio livro, estas quase acabaram com o próprio homem e, após milênios de dependência, o ser humano jamais se permitiu criar algo semelhante a si novamente.

Se sob os montes de areia vivem os Grandes Vermes, e em Arrakis há um povo usurpado, a ecologia de "Duna" é uma das características centrais da trama de Frank Herbert, profundamente explorada. A vida no deserto impõe desafios monumentais, onde cada recurso é escasso e cada gota d'água é disputada como um tesouro. Os Fremen, habitantes nativos de Arrakis, personificam a simbiose entre a humanidade e seu ambiente árido.

A necessidade desesperada por água, um recurso escasso em Duna, permeia cada aspecto da vida dos personagens. A busca incessante por essa preciosa substância é não apenas uma questão fisiológica, mas também uma metáfora para as lutas e conflitos que permeiam o enredo. A gestão eficaz da água é uma habilidade essencial para a sobrevivência, e cada gota é tratada com reverência e respeito, refletindo uma profunda conexão entre os habitantes de Arrakis e o meio ambiente hostil que habitam.



Cena da adaptação de 2024. Imagem retirada do trailer de "Dune, part.2"

O reaproveitamento de cada gotícula excretada pelo corpo, a economia meticulosa dos recursos hídricos e o desperdício mínimo tornam-se rituais diários, evidenciando a adaptação extrema exigida pela ecologia única de Arrakis. Essa abordagem da escassez e da importância vital da água ressoa não apenas como um elemento de ficção científica, mas também como uma reflexão sobre as preocupações ecológicas do mundo real.

Ao colocar os personagens em um ambiente onde a natureza é tão implacável quanto os intrigantes jogos políticos, Frank Herbert destaca a interdependência entre as forças naturais e as decisões humanas. A ecologia de "Duna" não é apenas um pano de fundo, mas um protagonista silencioso que molda o destino de personagens e civilizações. A presença imponente dos Grandes Vermes da Areia, criaturas gigantescas que moldam o deserto, adiciona uma camada adicional de complexidade à relação entre os seres humanos e o ambiente hostil que habitam.

A trama de "Duna" mergulha nas complexidades dessa ecologia, explorando não apenas as lutas pela sobrevivência em um mundo desértico, mas também as implicações sociais e políticas que surgem dessa dinâmica única. A Especiaria, oriunda das entranhas dos Grandes Vermes, é um elemento central, não apenas como uma substância valiosa, mas como uma força que altera o equilíbrio de poder no universo criado por Herbert.



**GABRIEL MELLO** (2003)

*É autor de ficção científica, de realismo mágico e pesquisador de arte/literatura. Já publicou dois livros pela Editora Aurora.*

CONTO POR J. Felippo Gomes

# O Dia dos Mil Sóis

# O DIA DOS MIL SÓIS

Um conto por J. Felippo Gomes

# 1

Ainda me lembro de como Brazilav foi mudando com o passar dos anos. Quando Olavo Poliak começou a ser notado pelos políticos e os ricos, várias coisas mudaram. Muitos dos seguidores dos Cinco Primordiais deixaram de frequentar os templos. A parcela da população que tinha uma fé questionável decidiu largar de vez e, ainda por cima, os casos de poluição aumentaram ainda mais por causa daquele cientista panaca. Mas, bem, isso já vinha acontecendo há uns trinta anos, quando eu ainda tinha quinze. Ainda assim, quando penso naqueles tempos, tudo parecia melhor...

A cidade grande perto do meu município era tão bela, com os templos sempre limpos e brilhantes, cada um diferente a seu modo, mas sempre com a beleza de seu respectivo Deus. A harmonia das cidades com a natureza, árvores e flores exalando aromas deliciosos e um ar tão puro. Porém, com a Primeira Revolução Tecnológica, tudo isso incrivelmente foi morrendo aos poucos. Claro que a revolução teve seu lado bom, principalmente com a melhora dos automóveis e do surgimento da energia limpa; só que ainda assim, era estranho ver tanta tecnologia, que parecia ter vindo de outro mundo.

Ah, sim. A Primeira Revolução também trouxe elas, as Tochas de Héstia. Aquelas torres foram projetadas com o intuito de proteger o país de qualquer possível guerra, e o cientista que as criou escolheu esse nome para que relembrássemos símbolo da antiga Deusa da mitologia grega. Lembro que poucos criticaram as torres, mas o seu nome, chamando o cientista de idólatra por ter escolhido o nome de uma Deusa como batismo às torres. Foi estranho ter visto como ela foi construída sabendo que naquele tempo minha casa ficava na última rua da cidade, e as torres ficaram a uns três quilômetros do município. Tudo isso sem contar a Lareira, uma torre enorme no meio de Brazilav que se interligava com as tochas, criando uma redoma ao redor do país inteiro.

Foi, inclusive, com a pesquisa do Olavo que conseguiram mudar até os carros! Com a Segunda Revolução Tecnológica, muitos automóveis passaram a ser capazes de voar, no início a uma altura pequena, mas, a partir disso, a capacidade foi aumentando. Desta forma, construir edifícios era muito mais eficiente. E assim se foi, durante um mês inteiro, várias máquinas de construção voadoras passando para lá e pra cá. Quando acabou aquela zoeira, no fim só restou aquela coisa assustadora de 300 metros de altura. Ainda me assusto com a velocidade que eles construíram tudo aquilo, mesmo sabendo que com aquela tecnologia realmente fazia sentido terem construído tudo tão rápido.

# 2

Mesmo com todas essas mudanças, continuei amando minha cidadezinha, se eu não me engano tinha pouco mais de 20 mil habitantes. Os templos lá não eram grandes coisas, mas eram o suficiente para poderem exercer a sua fé. E assim os dias foram passando, tranquilos e serenos. Recordo-me de minha mãe angustiada, falando que “essa calmaria tá estranha, como a calmaria antes da tempestade”. Assim como toda mãe, ela estava certa, porque nem a gente e nem o mundo estaria prontos para o que aconteceria no outro dia. A data em que a maior parte do mundo deixaria de existir e ele nunca mais seria o mesmo: o Dia dos Mil Sóis.

Do amanhecer, até ao entardecer, quando tudo aconteceu, um silêncio percorria a natureza. As pessoas, obviamente, continuaram com as suas vidas normalmente; era um dia como qualquer outro. Entretanto, era como se a natureza soubesse de alguma coisa, e estava se preparando. Os ventos estavam calmos e serenos, apenas brisas leves passando; o piar dos pássaros tinha sumido, e até o riacho que tinha ali perto parecia mais silencioso.

Bem quando o sol já havia sumido do horizonte, a primeira coisa que eu vi foi uma luz extremamente forte, bem longe, como se os raios de luz estivessem voltando. E assim, mais e mais pontos de luz foram aparecendo, enquanto a noite foi virando apenas um clarão branco. Tudo isso nos primeiros segundos. Depois veio o som de explosão, junto com a explosão em si, mas, graças às barreiras, ela foi totalmente absorvida. Quando todo o clarão foi sumindo, aquele cenário diante de mim parecia aterrorizante, com tudo do lado de fora em chamas.

Mesmo que eu já estivesse nos meus 45 anos de idade, minha curiosidade ainda persistia. Peguei a lambreta que eu usava para me locomover e dirigi não mais que um quilômetro e meio, o suficiente para ver o próprio inferno na Terra. Tudo além da barreira estava pegando fogo, bem como as imensas nuvens com formato de cogumelo no cenário. Estava tudo destruído e em chamas, boa parte da vegetação queimando diante dos meus olhos. Apenas o que eu via era fumaça, fogo e destruição. Sendo devota de Makéma, a Deusa da natureza, pude sentir sua dor por cada planta e animal mortos nas explosões, como se eu tivesse perdido meus filhos. Porém, consegui sentir também as dores de Sonden, Seliat e Tichy. O mundo inteiro estava em agonia junto com os Deuses.

No dia seguinte, o governo disse o que havia acontecido. Aparentemente, e há um bom tempo, vários países vinham entrando em conflitos, mas separados em dois grupos baseados em interesses e alianças. Nada, porém, era oficial. O cenário fazia a ameaça de uma terceira Guerra Mundial ser crescente, mas tudo explodiu quando ocorreram pequenos ataques a diferentes países, sendo o estopim para aqueles que possuíam armamento suficiente para atacar seus inimigos. Várias ogivas nucleares foram lançadas simultaneamente, destruindo continentes e tudo o que havia neles. O resultado? A quase extinção da raça humana. Esse teria sido o fim se não fossem pelas Tochas de Héstita; graças a elas estou aqui contando esta história.

Mesmo com a barreira protegendo a maior parte do dano, ainda havia o risco de uma parte da fumaça se alastrar por todo Brazilav. Desta forma, o governo resolveu mandar algumas máquinas voadoras para apagar a maior parte dos focos de incêndio. Durante uma semana inteira, mesmo com as máquinas apagando as chamas, o país se encontrou sem nenhuma luz solar. Era como se vivêssemos uma noite eterna, e demorou pouco mais de um mês para apagarem os incêndios considerados mais perigosos.

## 3

Se a situação no Brazilav já se encontrava preocupante, ela ficou ainda pior no futuro. As pessoas foram, em questão de meses, deixando de acreditar nos Deuses e passaram a confiar somente na ciência. Era óbvio: viram como ela poderia ser de grande utilidade, os protegendo muito melhor do que os Cinco Primordiais. E, aos poucos, os Deuses foram deixando de se comunicar com os seus seguidores, até que em um certo momento um fiel de Rováhu, o antigo Deus da criação e destruição, o único que ainda se comunicava, disse que eles entraram num estado de inanição. Por quê? Bom, os domínios dos Deuses foram quase todos destruídos... não me surpreenderia se eles tivessem deixado de existir.

Quando toda a poeira baixou, e todos já estavam mais calmos, a Terceira Revolução Tecnológica mudou a situação de vez. Com o aprimoramento dos robôs com inteligência artificial avançada, eles começaram a trabalhar ajudando os humanos com coisas simples. Mas a coisa foi escalonando, ao ponto das pessoas colocarem aqueles pedaços de metal para realizar as tarefas que lhe diziam respeito. Além disso, a realidade virtual também não ajudou em nada e a população foi ficando sedentária ao ponto de alguns nem saírem de casa.

Contudo, nessa Terceira Era, o que mais deixou as pessoas encucadas foram os boatos da Mestos Krídlami, a cidade com asas. Os boatos diziam que os ricos tinham se juntado para deixar Brazilav antes de tudo ruir de vez. Algumas testemunhas falaram que durante a noite viram algo no céu com o tamanho de uma cidade pequena, e o mais assustador era que ela não fazia nenhum som. E tão rápido quanto apareceu, ela sumiu no ar, como se nunca estivesse ali. Enfim, o resto você já sabe, não é? Mesmo que estejamos no fim da Terceira Era, você já sabe muita coisa.

Não entendo por que você quer tanto ouvir a história dessa senhora de 95 anos, mas tive o maior prazer em contar. Deixa eu ir, ainda tenho que cozinhar aqueles bolinhos de chuva antes que sua mãe chegue. Você sabe bem como ela fica quando está com fome... quando quiser ouvir de novo, só vir aqui, está bem? Eu amo as visitas do meu neto favorito, mas não fala isso para ninguém. É o nosso segredinho.



**J. Felippo Gomes** (2003)

*É autor iniciante de ficção científica e Fantasia. Sua primeira publicação foi pela Revista Especular*

# Valeu por especular

até o mês que vem!

*Todo o conteúdo desta revista será postado no blog do site. Sinta-se à vontade para comentar e criar uma rede de especulação por conta própria!*

[www.revistaespecular.com.br/blog](http://www.revistaespecular.com.br/blog)

Editoração por BIANCA DE SOUSA  
GABRIEL MELLO

Design e diagramação por GABRIEL MELLO